

**IV PROJETAR 2009  
PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA  
FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL  
Outubro 2009**

**EIXO: INTERVENÇÃO**

**O PRECEITO COINCIDENTE ENTRE CIDADE E ARQUITETURA**

Maria Isabel Villac

Arquiteta / Professora / FAU Mackenzie  
belvillac@mackenzie.br

# O PRECEITO COINCIDENTE ENTRE CIDADE E ARQUITETURA

---

## Eixo/Atitude: INTERVENÇÃO

### Palavras-Chave

/ Conceito / Cognição / Horizonte / Rede

/ Receptividade / Desejo / Antropologia / Coletividade

### Resumo

O presente documento propõe apresentar a tese de que **para o arquiteto de raízes modernas, o projeto não é o edifício, mas a cidade.**

A cidade é o **horizonte** do projeto e se realiza através de um procedimento que estabelece, entre edifício e organismo urbano, uma relação de interdependência, **receptividade** necessária e transitiva; uma **rede** na qual, por um lado, o edifício, inserto em uma dinâmica que o precede, é promotor da experiência da vida urbana e, por outro lado, a cidade é, simultaneamente, resultado e geratriz da tipologia edificada. O que exige, tanto registrar a necessidade de estruturação urbana desde uma visão de “totalidade”, como um “olhar crítico sobre a obra isolada”.

O **conceito** de que o ambiente humano é uma totalidade e que o edifício isolado é uma idéia superada é anúncio da consciência/**cognição** de que, à amplitude de referências que incidem sobre as necessárias questões que o projeto deve formular, o edifício necessariamente precisa assumir sua condição urbana e construir a cidade. A arquitetura, que tem a cidade como espaço de referência, está comprometida com contextos consolidados e com a vitalidade da vida urbana, seja revelando estruturas históricas seja impregnando o conhecido com o desenho do imprevisível.

Este modelo de procedimento define que a forma do artefato se abre a escalas mais amplas de materialização e está plasmada por uma dinâmica “intra” e “extra” arquitetônica, e o que está em questão não é somente a arquitetura como construção, senão a contemporaneidade como tal, sob os aspectos com que a arquitetura constrói e interpreta espacialmente a cidade. Isto envolve uma **antropologia** do espaço, ligada, diretamente, tanto ao tema funcional a que se refere, como ao que quer abarcar e simbolizar.

Neste sentido se pode falar da presença de um **enunciado** que propõe resgatar o **desejo** de uma arquitetura que alcance a máxima visibilidade do gesto e do texto vivo, onde o que está em jogo é a própria cidade e o sujeito, todos, como objeto do discurso.

# O PRECEITO COINCIDENTE ENTRE CIDADE E ARQUITETURA

---

## Eixo/Atitude: INTERVENÇÃO

### Abstract

The actual document is intended to present the thesis that, **for the modern architect, the project is the city rather than the building.**

The city is the **horizon** of the project and, through an established procedure between the building and the urban structure, an interdependent relation, a mandatory and transitive receptiveness and a sort of a **net** are created. In one hand, the dynamical building previously inserted is the source of the urban life experience and, on the other hand, the city is, simultaneously, both the result and its own generator of the built typology. As a consequence, an urban structure is needed, both as a “ whole” and as a “ critical look over the isolated building” .

The **concept** of the human environment as a whole and of the building itself as an overcome idea is the announcement of the perception/**understanding** that, due to the quantity of information taken into consideration when a project is thought, the building has to assume its urban condition and build the city. Also, as the city is the main issue for the architecture as far as the space in concerned, it must be committed to consolidate contexts and to the vital forces of the urban life – either disclosing historical structures either impregnating with some predictable and already known design.

This example of procedure establishes that the product may be expanded to wider materialization scales and it is focused on an “ inter” and “ extra” architectural dynamic, rather than based on the building itself. It also appraises the contemporaneity related to the way the architecture builds and interprets the city’ s space, also involving the **anthropology** of the space which is directly linked to the related functional theme and to the symbolic issues meant to be reached.

In this matter, we can say there is a **statement** that is meant to rescue the desired architecture reachable to the maximum visibility of the gesture and to the living text, where the city itself as well as the citizens are, at stake, the main object of the matter.

### Resumen

El actual documento considera la siguiente tesis: para el arquitecto raíces modernas el proyecto es no el edificio, sino la ciudad. La ciudad es el horizonte del proyecto que se lleva a través de un procedimiento que establece, entre el edificio y el organismo urbano, una relación

## **O PRECEITO COINCIDENTE ENTRE CIDADE E ARQUITETURA**

---

### **Eixo/Atitude: INTERVENÇÃO**

interdependiente, necesaria y transitiva; una red en la cual el edificio es promocional de la experiencia de la vida urbana y la ciudad es, simultáneamente, resultado y origen del la tipología constructiva. Lo que exige poner en relieve la idea de “ totalidad” como “ una mirada crítica hacia el edificio aislado” . El concepto de que el ambiente humano es una totalidad y que el edificio aislado es una idea sobrepasada informa que, a la amplitud de las referencias que suceden en las preguntas necesarias que el proyecto debe formular, el edificio tiene que ocupar su condición urbana y construir la ciudad. La arquitectura que tiene la ciudad como espacio de referencia se compromete con los contextos consolidados y la vitalidad de la vida urbana. Este modelo de procedimiento define que la forma está abierta a escalas más amplias y está formada por una dinámica “ interior” y “ exterior” a la arquitectura. Lo que valora este procedimiento son los aspectos bajos los cuales la arquitectura interpreta al espacio de la ciudad; una antropología implicada en la relación forma-función-corporeidad; la ciudad apropiada por el ciudadano, todos ellos como tema del discurso.

# O PRECEITO COINCIDENTE ENTRE CIDADE E ARQUITETURA

---

## Eixo/Atitude: INTERVENÇÃO

Para o arquiteto de raízes modernas, a cidade é o projeto da arquitetura. No caso brasileiro, a obra de Paulo Mendes da Rocha é exemplo de uma arquitetura que se abre a escalas mais amplas de materialização e vetoriza seu procedimento a partir de níveis de complexidade do espaço coletivo que é, para o arquiteto, o "habitat" humano por excelência.

O arquiteto orienta sua arquitetura pela vitalidade da vida urbana, pois compreende que a urbanização é uma conquista que pode consolidar

«[...] um projeto, talvez o mais importante de nosso século, que é a manifestação decidida sobre o projeto da cidade, da vida urbana»,<sup>1</sup>

porque o ideário desta realização reconhece que

«A condição de moradia distanciou-se há muito tempo do que poderia ser considerado como fato isolado, uma casa; é representada pela conquista histórica, pela situação urbana. Essa situação onde as trocas se processam com velocidade enorme, onde a afetividade se resolve e se explicita em dimensões jamais esperadas, onde o espetáculo, jornais, televisão, a troca de informações, a universidade, onde as providências em relação a nós mesmos, a compreensão dos valores do trabalho, da política que se estabelece para o destino que se deva dar à economia, onde as razões da classe trabalhadora se sobrepõem no cenário cuja riqueza é por ela construída, esse lugar é a cidade, a polis, o lugar político, a tribuna da vida moderna.»<sup>2</sup>

Para o arquiteto, o edifício constrói a cidade, e a consciência do impacto que causa na configuração espacial do tecido urbano pré-existente permite privilegiar a sociabilidade urbana, gerando relações de tensão, permeabilidade, conexão, integração, inteligibilidade. A cidade se realiza, portanto, através de um procedimento que estabelece, entre edifício e organismo urbano, uma relação de interdependência, necessária e transitiva; um campo sólido no qual, por um lado, o edifício, inserto em uma dinâmica que o precede, é promotor da experiência da vida urbana e, por outro lado, a cidade é, simultaneamente, resultado e geratriz da tipologia edificada.

Na obra deste arquiteto "paulista", a arquitetura e o urbanismo devem ser conhecimentos solidários e conferir, seja ao território, seja ao artefato, uma experiência de sociabilidade. Apoiados sobre a natureza, enquanto campo de recursos e invenção e sede de operações da intervenção humana, a arquitetura e o urbanismo devem promover uma transformação unificada que exalte a cidade como conquista histórica do ideal de fraternidade, do desejo de convivência coletiva e como a suprema obra de arte do gênero humano. O que exige tanto registrar a necessidade de estruturação urbana desde uma visão de "totalidade" como um "olhar crítico sobre a obra isolada". A concepção de que o ambiente humano é uma totalidade e que o edifício

# O PRECEITO COINCIDENTE ENTRE CIDADE E ARQUITETURA

---

## Eixo/Atitude: INTERVENÇÃO

isolado é uma idéia superada define um projeto que deseja atualizar o território em uma direção contrária ao vácuo da cidade genérica<sup>3</sup> porque está comprometido com a esfera pública e tem a dinâmica da convivência cidadina como referência.

### A HIERARQUIA E O PRIVILÉGIO DO ESPAÇO PÚBLICO

Para Paulo Mendes da Rocha, o edifício, enquanto artefato arquitetônico, está comprometido com a estrutura e a experiência dos espaços urbanos e é, portanto, o elemento mínimo de uma forma de organização global que identifica e organiza escalas graduais e instrumentos parciais de intervenção que se estendem até a amplitude da estrutura da cidade. Este modelo de procedimento define que a forma do artefato está plasmada sempre por uma dinâmica “intra” e “extra” arquitetônica, e o que está em questão não é somente a arquitetura como construção, senão a contemporaneidade como tal, sob os aspectos com que a arquitetura constrói e interpreta espacialmente a cidade. Isto envolve uma antropologia do espaço, ligada, diretamente, tanto ao tema funcional a que se refere como ao que quer abarcar e simbolizar.

Neste sentido se pode falar da presença de um enunciado que se propõe a mudar a ortodoxia injusta da sintaxe social contemporânea. O projeto para a **NOVA PRAÇA DO PATRIARCA** [imagem 01] é exemplar desta maneira de resgatar a necessária responsabilidade ética da arquitetura. Como se a forma estruturada tornasse possível alcançar a cidade em seu desenho, originar-se conjuntamente com ela para voltar a uni-la; desenhá-la outra vez, para que alcance a máxima visibilidade do gesto e do texto vivo de sua fundação. E também, porque não?, revigorar seu potencial paisagístico, sua estrutura urbana, sua capacidade de gerar e acolher relações sociais mais fraternas.

Se a sociabilidade de São Paulo está oculta sob uma imagem trágica, o artefato, que possui urbanidade e humanidade, propõe educar o sentimento de pertencer e recordar ao cidadão comum sua qualidade de ator principal da cidade. A arquitetura do pórtico/arco espera uma leitura da singularidade de sua forma e da historicidade do entorno, onde o que está em jogo é a própria cidade e o sujeito, todos, como objeto do discurso. Como um gesto afetivo na direção da opacidade que cobriu e enclausurou o coração de São Paulo, o artefato propõe que a articulação do caos e da atopia seja o raciocínio urbanístico e a poética da vida urbana, ou seja, a hierarquia e o privilégio do espaço público.

### A IMPLANTAÇÃO TECTÔNICA

Propor a expansão do projeto da cidade, para Mendes da Rocha, é afirmar e expandir a vida urbana como território habitável, construir o espaço urbano com as melhores técnicas. O profissional arquiteto tem um papel na definição de ensaios e premonições do território: desvelar

## O PRECEITO COINCIDENTE ENTRE CIDADE E ARQUITETURA

---

### Eixo/Atitude: INTERVENÇÃO

o potencial paisagístico, reunir linhas indiferentes que seu olhar delimita como geomorfologia solidária à intenção construtiva, transformar o espaço de simples extensão em abrigo e, desta maneira, prever o lugar do habitat humano.

Para o arquiteto é o olhar que descobre o território, e a descoberta se refere a um determinado tipo de interpretação técnica e artística das condições existentes que possibilitam encontrar a escala humana na extensão infinita e por em evidência a semântica de um procedimento propriamente tectônico, que inaugura o valor da arquitetura como liberdade operativa inerente à imaginação.

É o olhar que encontra o sentido do território, não como porção de terra, senão como esfera de ação. O olhar, ao realizar um ato técnico, construtivo, que

«No fundo [...] está organizando emoções»,<sup>4</sup>

inaugura o espaço habitável considerando a necessidade de um ambiente propício para a vida humana, assim como a inexistência de artefatos indispensáveis para viver. E, inclusive, uma específica curiosidade acerca das possibilidades arquitetônicas da natureza, seus limites de transformação, sua estabilidade estrutural e sua vocação espacial. Porque construir arquiteturas é estabelecer

«uma nova geografia das instalações humanas».<sup>5</sup>

Quando o arquiteto imagina uma nova geografia

«[...] um território, como o brasileiro, com largos trechos In natura e certos trechos de sua paisagem construídos como cidades para os homens, [...] uma nova paisagem»<sup>6</sup>,

se reconhece que a mirada possui uma racionalidade tectônica porque depende da natureza como fonte de equilíbrio e novidade, sensualidade e beleza.

Em algumas obras, a solidariedade com a natureza adquire uma qualidade simbiótica, telúrica, como na geografia que se reconstrói para a realização do projeto do **MuBE Museu Brasileiro de Escultura** [imagem 02]. A implantação, como a primeira instância da relação entre artefato e cidade, assume valor determinante quando se considera a topografia do terreno como possibilidade construtiva determinante para o partido arquitetônico.

Para o arquiteto, a realização construtiva da arquitetura depende sempre da transformação da natureza. Para Mendes da Rocha, como para Le Corbusier, transformar a natureza é exercer o potencial criativo como extensão natural da maneira humana de habitar, necessariamente amparada sobre um fundo físico que é o fundamento de toda objetividade e sensibilidade.

# O PRECEITO COINCIDENTE ENTRE CIDADE E ARQUITETURA

---

## Eixo/Atitude: INTERVENÇÃO

A dimensão da arquitetura como revelação da natureza é a expansão do movimento civilizador, que constrói âmbitos artificiais, algumas vezes tão sofisticados, que surpreendem pela invenção de novos espaços necessários para a habitabilidade. Afirmar a vida urbana não é, em muitas ocasiões, ocupar o território, mas inventá-lo, compreendendo esta invenção como resultado do diálogo entre lugar e não-lugar. De tal maneira que forma, espaço e matéria na obra humana estão ligadas com a forma, o espaço e a matéria da natureza para a realização de um "desenho inaugural". Este ato fundacional é a manutenção de um estado criativo "in natura", porque o

«O significado da arquitetura, não se confunde — seria uma asneira dizer assim —, mas ele se associa com a natureza de um modo humano, quando você consegue revelar, daquela natureza —que não era nada—, suas virtudes. Que são virtudes, digamos, implícitas, que estavam escondidas e que você faz que se revelem.».<sup>7</sup>

O projeto **BAÍA DE VITÓRIA** [imagem 03], que propõe a recuperação dos recursos naturais e da reurbanização da cidade portuária de Vitória (1531), ilustra como a mirada irradia, desde uma hipótese necessária, este pacto solidário que

«[...] adquire uma dimensão universal marcando as relações entre cidade e natureza. Natureza humanizada. Revelada de modo humano.».<sup>8</sup>

O projeto para a cidade de Vitória ampara sua proposta de reorganização do território portuário, propondo um centro institucional e de negócios que se desenvolve em uma esplanada e se estende, avançando transversalmente em ponte pelo mar, culminando em um conjunto de tres edifícios construídos sobre a água. Surge assim, na água, um território inventado, um novo estatuto do terreno que transforma a natureza em geografia habitável.

## A CONSIDERAÇÃO TOPOLÓGICA DO CONTEXTO

Ao arquiteto lhe gostaria afirmar, a cada projeto, a crença na cidade, na qual o edifício e o plano urbanístico, como estratégias de apropriação dos espaços, se organizam a partir da receptividade a contextos consolidados, seja revelando estruturas históricas, seja impregnando o conhecido com o desenho do imprevisível. Construir a cidade é tanto tarefa quanto herança.

Nas arquiteturas de Paulo Mendes da Rocha, a consideração do contexto, seja por fusão ou dissonância, que o edifício propõe para a estrutura urbana, favorece a compreensão do valor de uma estrutura prévia, através da apreciação topológica. A inserção, no edifício existente, da "caixa de vidro miesiana" do **CENTRO CULTURAL FIESP-SESC-SESI** [imagem 04] inaugura a leveza e harmonia do conjunto e abre, para a cidade, uma sociabilidade antes ausente. O depurado prisma de cristal, por sua exemplar pureza e abstração formal, quando inserido como

## O PRECEITO COINCIDENTE ENTRE CIDADE E ARQUITETURA

---

### Eixo/Atitude: INTERVENÇÃO

uma articulação necessária ao diálogo interdependente entre edifício e paisagem urbana, não se mostra como um objeto neutro, senão que, como um “ready-made” propõe uma nova dinâmica, agora receptiva, para a cidade.

Esta conexão, antes ausente, também se verifica pela transparência e escala propostas no design do pórtico/arco da **PRAÇA DO PATRIARCA** [imagem 01], ao por em relevo, em simultâneo, a pequena capela e a perspectiva em direção ao Vale do Anhangabaú. A configuração proposta para o artefato, porosa e liminar, possui uma solidez transigente e abre espaço para a percepção das diferenças. Ao estar penetrado pela paisagem, o pórtico/arco não se confunde com a continuidade espacial ou mesmo com a saturação da massa construída do entorno, mas o acolhe como fundamento de seu sentido. É o pórtico-arco que devolve à praça seu caráter compacto e íntimo e sua importância como espaço patrimonial.

Nestes projetos, o que se inaugura é a inserção do equilíbrio materializado como contraponto ao excesso de construções e à falta de atenção ao espaço público. Tanto o edifício para o **CENTRO CULTURAL FIESP-SESC-SESI** [imagem 04] como o pórtico/arco da **PRAÇA DO PATRIARCA** [imagem 01] se estruturam de maneira simples, e isto os torna muito estruturados, vazios, receptivos à sociabilidade que deve povoar o espaço da cidade e servir de referência a uma urbanidade sempre renovada. Ambos artefatos são anúncio da consciência de que, à amplitude de referências que incidem sobre as necessárias respostas arquitetônicas que o projeto deve formular, o edifício necessariamente precisa assumir sua condição urbana e construir a cidade.

### A NEGAÇÃO DA MONOTONIA DA QUADRA

Na arquitetura de Paulo Mendes da Rocha, a relação entre o edifício e a cidade é, também, valor de crítica e transformação da monotonia do traçado em grelha. Para o arquiteto, o edifício pode ser exemplar ao negar a quadra como elemento estruturador e organizador do espaço da cidade, e propor arquiteturas com poder de revitalizar um espaço e prever sua transformação.

Para o arquiteto, o volume isolado e o espaço público se condicionam mutuamente, tal como propõem os edifícios-ponte que entrelaçam edifícios e constroem os espaços para os **MUSEUS de Etnologia, Zoologia e Ciências da USP** [imagem 05]. A preservação do solo livre testemunha a intenção de que o edifício não necessita repetir a lógica do traçado cartesiano em grelha, ampliando e reafirmando que o espaço sob a construção é tão público quanto o espaço que o circunda.

Neste e em outros projetos, a relação entre o edifício e o espaço exterior é sempre de hierarquia e privilégio do espaço público. Ou porque o edifício consolida uma abertura efetiva ao espaço

## O PRECEITO COINCIDENTE ENTRE CIDADE E ARQUITETURA

---

### Eixo/Atitude: INTERVENÇÃO

coletivo no tecido urbano, ou porque o edifício, enquanto propriedade privada, deve garantir a permeabilidade visual do espaço público e estruturar-se sobre pilotis.

O edifício sobre pilotis propõe um diálogo compreensivo entre propriedade privada e pública, porque mantém a visibilidade e a perspectiva do horizonte que constrói a continuidade visual do espaço público para o pedestre. Assim mesmo, em termos estratégicos, nega e desconstrói o confinamento das fachadas planas e das ruas de única perspectiva.

### A CONVIVÊNCIA DA MORFOLOGIA DAS CIDADES TRADICIONAL E MODERNA

A valorização do espaço público é tão determinante para a arquitetura de Paulo Mendes da Rocha que decide os rumos da configuração interna dos edifícios. O edifício constrói a cidade, mas seu argumento está não só em afirmar a ciência do urbanismo, senão também em absorver a experiência da vida urbana como condição de seu caráter e como valor ideal de seu desenho.

Para o arquiteto que sustenta

«A casa é o abrigo que acompanha o homem [...] Ora, o que é a casa hoje? Hoje, o habitat do homem é a cidade»,<sup>9</sup>

o edifício tem que, necessariamente, manter a vitalidade dos espaços públicos, consolidar a experiência da vida coletiva. Para isto, alguns elementos, definidos para a estruturação dos espaços da cidade, se incorporam aos espaços privados, aos espaços da intimidade, metamorfoseando as tradicionais dimensões e configurações dos edifícios.

Essa ordem espacial e tipológica da arquitetura que se propõe está subordinada à potencialização da convivência como força política capaz de mudar as relações de dominação que imperam na sociedade capitalista. Nessa arquitetura, estruturas mínimas como ruas, praças, elementos retóricos ou monumentos são reconhecíveis pela finalidade política e estética dos “edifícios que se querem como as cidades”. A inclusão de componentes urbanos na configuração arquitetônica deriva em formulações e especulações sobre a complexidade do espaço do edifício, e enfatiza a importância da dinâmica da cidade como objeto de investigação e como unidade de máxima dimensão cognitiva e agregativa do habitat humano.

As estruturas mínimas são volumes definidos por uma geometria estrita e pelo desempenho de funções específicas e que, ao serem desenhadas com um cuidado escultórico, adquirem, em alguns projetos, a qualidade metafórica de monumentos. Na organização do espaço arquitetônico, estes componentes, que fazem referência a grandes extensões, adquirem um importante papel, devido à intensidade e à força com que determinam a organização da planta.

## O PRECEITO COINCIDENTE ENTRE CIDADE E ARQUITETURA

---

### Eixo/Atitude: INTERVENÇÃO

O espaço se agrega às estruturas mínimas, criando uma relação interdependente que define a configuração arquitetônica também através de fluxos e áreas de concentração.

Estas estruturas mínimas da estrutura urbana da cidade tradicional são assumidas na arquitetura do edifício para contribuir para a criação de novos e inéditos espaços, porque nelas se reconhece o movimento da cidade. As novas referências da arquitetura do edifício supõem que a exterioridade cidadã é a cultura assumida como parte da vida e da sociabilidade metropolitana e que sua significação, coletiva por excelência, deve penetrar o interior do edifício e urbanizar o espaço arquitetônico.

Na arquitetura que se projeta, as ruas e praças, que são formas paradigmáticas de manifestação da experiência e da sociabilidade da vida urbana, definem a unidade, a intensidade estética e a hierarquia da configuração espacial. As ruas, que são estruturas urbanas de circulação, caminho e mobilidade, adquirem a qualidade de trajeto perceptivo e elemento de efeito cênico e estético. Quando estão definidas como sistema de circulação, as ruas têm a função de acesso e são o traçado de união entre os espaços. Quando se definem por uma ordem estética de deslocamento, as ruas orientam perspectivas, promovem a "promenade architecturale".

Na organização formal da arquitetura de Mendes da Rocha, tanto as ruas como as praças promovem uma relação de intensidade espacial. Se a rua é um traçado funcional e cênico, a praça é um vazio que orienta a tridimensionalidade do edifício e localiza o lugar de encontro e convivência – um espaço de práticas sociais, desde as ancestrais sociedades primitivas. Desde esta perspectiva, a conjugação das tipologias “rua” —”ponte”— “praça” celebra a dinâmica urbana do já citado projeto para os **MUSEUS de Etnologia, Zoologia e Ciências da USP** [imagem 05]. Também é esta decisão arquitetônica que inaugura a nova espacialidade do edifício da **PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO** [imagem 06].

A praça pressupõe o desejo de um lugar de permanência, de acontecimentos, de manifestação de vida comunitária. Conseqüentemente, nesta arquitetura a praça reúne a ênfase do desenho urbano que penetra no programa do artefato arquitetônico para cumprir uma função estruturadora, como espaço aberto de grande significado social. O edifício para o **Museu de Arte Contemporânea da USP — MAC/USP** [imagem 07] e mesmo o anteriormente citado **MuBE** [imagem 02], entre outros projetos, tem sua implantação organizada através da proposição de uma praça cuja geometria ampara a integridade velada do edifício e determina a arquitetura de uma situação eminentemente urbana.

É necessário recordar que a cidade moderna, orientada para a criação da metrópole, abandona a morfologia da cidade tradicional. A morfologia urbana da modernidade, que alimenta o desejo

# O PRECEITO COINCIDENTE ENTRE CIDADE E ARQUITETURA

---

## Eixo/Atitude: INTERVENÇÃO

da metrópole, se estrutura a partir de volumes e objetos isolados no território, sem a imposição da integração urbana. A cidade moderna recusa o desenho da rua e, por conseguinte, o traçado regular que determina a configuração da cidade em quarteirões, propondo novos modelos de organização para o espaço urbano. A lógica funcionalista, por exemplo, que exerce influência na arquitetura e urbanística modernas, divide a cidade por funções e propõe uma organização urbana em sistemas autônomos. A atenção aos usos do solo delibera que os diversos elementos que estruturam a cidade não se relacionem de forma espacial e formal.<sup>10</sup>

Na cidade moderna o edifício se liberta da estrutura do quarteirão e sua autonomia tanto define a forma urbana de maneira abstrata como gera espaços residuais. A rua, na urbanística moderna, está pensada como via de circulação de veículos e não como elemento que participa na definição do espaço urbano e de sua vitalidade. A praça, que antes era delimitada pelos edifícios, é, na modernidade do século XX, um espaço aberto sem limites fixos.<sup>11</sup>

Este modelo de cidade, por sua eficácia distributiva e por sua generosidade espacial, tem profundas implicações na obra do arquiteto Paulo Mendes da Rocha. Entretanto, esta modernidade não recusa a cidade tradicional. A permanência, seja pela relação interdependente que o edifício estabelece com a cidade, seja pela introversão ao espaço interno dos elementos estruturadores da cidade tradicional, é uma tentativa de compreender a contradição inerente e a potencialidade urbana dos dois modelos.

O raciocínio que se propõe entende o edifício como célula mínima<sup>12</sup> mas, também, como um princípio gerador do desenho da integração urbana, através do olhar que concebe a

«cidade como lugar primordial de reprodução do conhecimento»<sup>13</sup>

e que, portanto, entende a “Ciência do Urbanismo” como “Arquitetura da Cidade”<sup>14</sup> e como “Construção da cidade segundo princípios artísticos”,<sup>15</sup> cujo propósito tem caráter social e estético, Mas que, principalmente, procede da experiência pré-existente do espaço e da crítica que o transforma.

Já que a relação do edifício com o espaço urbano é de interdependência, a transição da cidade à metrópole está pensada como uma ordem em que se promove a eficácia tecnológica e funcional da cidade moderna, referida à idéia de “comunidade”. Este desenho busca, ao expor o fundamento de seus ensaios, tanto ser reconhecido como renovar, tanto ser inteligível como provocar surpresa, tanto potencializar hábitos urbanos como abrir espaço às transformações.

A cidade moderna tende à desagregação e nega os espaços que induzem à convivência, à permanência das estruturas da cidade tradicional que, entretanto, resistem a desaparecer nos

# O PRECEITO COINCIDENTE ENTRE CIDADE E ARQUITETURA

---

## Eixo/Atitude: INTERVENÇÃO

projetos do arquiteto Mendes da Rocha. Sem nostalgia pela vida de outros tempos, a convocação da escala da convivência é a clara resposta à alienação da vida na grande cidade. A modernidade que aqui se propõe é inclusiva: tem vocação plena tanto a um processo de constante modernização como à valorização de hábitos de uma vida simples enquanto matriz antropológica de uma experiência de sociabilidade.<sup>16</sup> Este Projeto de Modernidade quer manter desperta a consciência de tudo o que antecede e promove a experiência da grande cidade. Esta modernidade convoca ao amante da vida universal para que viva a grande cidade, mas que, ao mesmo tempo, esteja consciente do processo que a configura e da vitalidade que a anima.

### A SÍNTESE

A hierarquia e o privilégio do espaço público, a implantação tectônica, a consideração topológica do contexto, a negação da monotonia da quadra, a convivência da morfologia das cidades tradicional e moderna encontram na obra do **PAVILHÃO DO BRASIL** [imagem 08] sua expressão síntese. O reino das formas que estabelece uma semelhança entre realidade orgânica e obra humana, a explicitação do valor da vida urbana, a invenção de um território habitável que põe em evidência a cidade como obra solidária à natureza, proclamam que o pavilhão não é apenas um artefato arquitetônico.

É uma insinuação de que o habitat humano se estrutura por um preceito equânime entre território, cidade, arquitetura, referenciada por uma aspiração à totalidade. O pavilhão, como no Plano Obus de Le Corbusier para Argel, afirma que todo o espaço tridimensional está disponível para ser conformado, e que a dimensão na qual se deve buscar a estrutura urbana é a extensão da natureza transformada em paisagem antropogeográfica.<sup>17</sup>

É, ainda, o pavilhão, no espaço de convivência que o único pilar simboliza, uma declaração de que o saber da cidade deixa explícito, de maneira fundamental, um sentido e um destino para as construções e para o espaço, através de um desenho que reúne as práticas cotidianas da maneira de viver dos cidadãos e um discurso sobre o valor do espaço público. A cidade que o pilar ilustra é o lugar que permite, mais além das teorias e das abstrações, a experiência da dimensão coletiva da existência humana, o fundamento da arquitetura. Isto significa que o edifício não existe sem a cidade e o que inspira o projeto é

«[...] a cidade. Esse "desenho no ar", esse desenho para que se faça, considerando a história e a experiência, [que] é a motivação, digamos assim, a inspiração, qualquer coisa que pudesse receber essa nomeação, essa objetivação para a arquitetura, na minha opinião. Isso leva com que o que de fato do que nós conseguimos fazer, que é um edifício ou outro num lote (ou seja, não vamos poder esperar que se realize essa nova cidade),

## O PRECEITO COINCIDENTE ENTRE CIDADE E ARQUITETURA

---

### Eixo/Atitude: INTERVENÇÃO

faça com que essas intervenções pontuais — um edifício aqui e ali — se impregnem muito de uma visão simbólica quanto a desejos não realizados, digamos assim.»<sup>18</sup>

Ainda que seja um projeto simbólico, o pavilhão de Osaka sintetiza o projeto que admite a morfologia da cidade tradicional adicionada à objetividade da cidade moderna, por sua consideração à noção de lugar e por sua evidente qualidade de impulso à vida urbana. Esta consideração é histórica e, como diz o arquiteto, uma virtude da arquitetura do Brasil, da forma de viver brasileira, pois

«O que você vê da arquitetura brasileira — esse aspecto de poucos apoios e grandes espaços —, digamos que seja uma característica. Eu chamaria como característica, não tanto o aspecto formal daquilo, mas o que aquilo revela que é uma distração, um descaso, por qualquer idéia de proteção. [...] é um reflexo belíssimo de uma condição distraída e legítima. [...] É uma idéia de um espaço que se organiza só para dizer, aqui é o lugar; quando quiser entrar, entra aqui. [...] Você vê a casa do caboclo no sertão, por exemplo, nada antecede aquela casa que, de repente, te espanta, e que você chega: lá está uma casa. Não há uma cerca, um fosso, um ... nada. A tapera fica assim, no meio da mata, você pode ver uma pequena roça de mandioca em volta, e tal. [...] Quando isso terminar, ou se transformar, nós teremos, com certeza, perdido muita coisa.»<sup>19</sup>

O projeto do **PAVILHÃO DE OSAKA** [imagem 08] ensina ainda que a arquitetura é um discurso sobre a humanização do espaço e que sua realização solicita que

«[...] o arquiteto tem que ser essencialmente urbanista.»<sup>20</sup>,

porque este é o saber de uma prática que compreende um desejo de convivência com a coletividade e, portanto, o conhecimento das transformações históricas e antropológicas que a cidade abriga. Na compreensão do arquiteto,

«O urbano é um estado de espírito. O urbano é o homem. Nós somos o urbano. E o urbanismo é a nossa intriga. É isso, na minha opinião, que é o urbanismo. A existência de um ser urbano que vive na confiança, vive na esperança, na solidariedade com o outro.»<sup>21</sup>

Para cumprir esta premissa, o Projeto da Arquitetura de Paulo Mendes da Rocha se mantém aberto a vários níveis de complexidade, no aguardo de que esta intensidade de significados que propõe seja compreendida como abertura a espaços internos e espaços sociais cada vez mais livres, mais amplos, mais generosos. Realizar esta exigência é uma relação inalienável entre arquitetura e sua finalidade.

# O PRECEITO COINCIDENTE ENTRE CIDADE E ARQUITETURA

---

Eixo/Atitude: INTERVENÇÃO

## Bibliografia

CACCIARI, Massimo; DAL CO, Francesco; TAFURI, Manfredo. De la vanguardia a la metrópoli – Crítica radical a la arquitectura, trad. cast., Barcelona: Gustavo Gili, 1972.

COLLINS, George, Reconsideración de Camillo Sitte, in George R. Collins e Christiane C. Collins, Camillo Sitte and the birth of modern city planning, 1965, trad. cast., Camillo Sitte y el nacimiento del urbanismo moderno, Barcelona: Gustavo Gili, 1980.

KOOLHAAS, Rem. Ciudad genérica, in Lo urbano en 20 autores contemporáneos. Angel Martin Ramos (ed.). Barcelona: Edições ETSAB / UPC, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. La prose du monde, 1969, trad. port. A prosa do mundo, São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

# O PRECEITO COINCIDENTE ENTRE CIDADE E ARQUITETURA

---

Eixo/Atitude: INTERVENÇÃO

## Legenda imagens:

---

[Imagem 01]

### **NOVA PRAÇA DO PATRIARCA (São Paulo, projeto: 1992 – obra: 2002)**

Maquete – Arquivo Paulo Mendes da Rocha

[Imagem 02]

### **MuBE Museu Brasileiro de Escultura (São Paulo, projeto: 1986 – obra: 1995)**

Croqui - Arquivo Paulo Mendes da Rocha

[Imagem 03]

### **BAÍA DE VITÓRIA (Vitória, 1992)**

Maquete – Arquivo Paulo Mendes da Rocha

[Imagem 04]

### **CENTRO CULTURAL FIESP-SESC-SESI (São Paulo, projeto: 1996 – obra: 1998)**

Maquete eletrônica - Arquivo Paulo Mendes da Rocha

[Imagem 05]

### **MUSEUS de Etnologia, Zoologia e Ciências da USP (São Paulo, 2000)**

Maquete – Arquivo Paulo Mendes da Rocha

[Imagem 06]

### **PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO (São Paulo, Arquiteto Ramos de Azevedo 1896/1900 – Arquiteto Paulo Mendes da Rocha projeto: 1993 – obra: 1998)**

Projeto - Arquivo Paulo Mendes da Rocha

[Imagem 07]

### **Museu de Arte Contemporânea da USP – MAC/USP (São Paulo, 1975)**

Maquete – Arquivo Paulo Mendes da Rocha

[Imagem 08]

### **PAVILHÃO DO BRASIL (Osaka, Japão, projeto: 1969 – obra: 1970)**

Maquete – Arquivo Paulo Mendes da Rocha

# O PRECEITO COINCIDENTE ENTRE CIDADE E ARQUITETURA

---

## Eixo/Atitude: INTERVENÇÃO

---

<sup>1</sup> Paulo Mendes da Rocha, Morar no século XXI, in José Miguel Wisnick... "et. al.", A virada do século, Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 34.

<sup>2</sup> Paulo Mendes da Rocha, Morar na era moderna, revista Projeto, n.º. 94, São Paulo: 1986.

<sup>3</sup> «La serenidad de la Ciudad Genérica se alcanza a través de la evacuación de la esfera pública, como en un simulacro de emergencia de incendio. El plano urbano ahora sólo acoge el movimiento necesario, fundamentalmente el auto», Rem Koolhaas, Ciudad genérica, in Lo urbano en 20 autores contemporáneos. Angel Martin Ramos (ed.). Barcelona: Edicions ETSAB / UPC, 2004.

<sup>4</sup> Paulo Mendes da Rocha, entrevista realizada pela autora para a tese de doutoramento La construcción de la mirada – Naturaleza, Ciudad y Discurso en la Arquitectura de Paulo Archias Mendes da Rocha, defendida na Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Universidad Politécnica de Cataluña, em Janeiro de 2002, não publicada.

<sup>5</sup> Paulo Mendes da Rocha, ciclo de conferencias Less is more, Barcelona: julho de 1996.

<sup>6</sup> Paulo Mendes da Rocha, Exercício da modernidade, entrevista a José WOLFF, Revista AU – Arquitetura e Urbanismo, n.º 8, ano II, São Paulo: out/nov. de 1986, p. 29.

<sup>7</sup> Paulo Mendes da Rocha, entrevista a autora in tese de doutoramento La construcción de la mirada – Naturaleza, Ciudad y Discurso en la Arquitectura de Paulo Archias Mendes da Rocha.

<sup>8</sup> Paulo Mendes da Rocha, memória do projeto Baía de Vitória, 1992.

<sup>9</sup> Paulo Mendes da Rocha, Morar na era moderna, texto citado.

<sup>10</sup> «A lógica funcionalista zonifica a cidade por funções e determina a concepção urbana por sistemas independentes [...] A consequência deste processo será a autonomização e independência física dos vários sistemas entre si [...] Todos estes sistemas não se encontram numa matriz comum que na cidade tradicional era o sistema dos espaços urbanos. Este será, de resto, um dos aspectos mais profundos da ruptura da cidade moderna com a tradicional.», José M. Ressano Garcia Leal, Configuração e morfologia da cidade moderna, in Morfologia urbana e desenho da cidade, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993, p. 303.

<sup>11</sup> «A morfologia da cidade moderna assentará em coleções de objectos isolados, albergando as suas funções e bem orientados pelo Sol, arejados e afastados uns dos outros. Não é uma morfologia de espaços urbanos, de ruas, praças, avenidas, largos, mas de volumes e objectos pousados no território. Desde logo, estes ingredientes conduzem a exacerbar a pesquisa autônoma do objeto arquitetônico [...]», José M. Ressano Garcia Leal, Configuração e morfologia da cidade moderna, texto citado, p. 307.

<sup>12</sup> «El edificio de la gran ciudad, como célula, y el organismo de la gran ciudad, como parte de una unidad, deben mostrar particularidades arquitectónicas básicas, condicionadas por el carácter de la gran ciudad», L. Hilberseimer, Groszstadt Architektur, Stuttgart: Verlag Julius Hoffman, 1927, trad. cast., La arquitectura de la gran ciudad, Barcelona: Gustavo Gili, 1979, p. 102.

<sup>13</sup> Paulo Mendes da Rocha, Desenho urbano, uma forma de compreender e transformar, entrevista a Vanda F. Pinto, Revista Projeto, n.º 113, São Paulo, ago. 1988.

# O PRECEITO COINCIDENTE ENTRE CIDADE E ARQUITETURA

---

## Eixo/Atitude: INTERVENÇÃO

---

<sup>14</sup> «La ciudad [...] viene entendida [...] como una arquitectura. Hablando de arquitectura no quiero referirme sólo a la imagen visible de la ciudad y el conjunto de su arquitectura, sino más bien a la arquitectura como construcción. Me refiero a la construcción de la ciudad en el tiempo. [...] Concibo la arquitectura en sentido positivo, como una creación inseparable de la vida civil y de la sociedad en la que se manifiesta; ella es, por su naturaleza, colectiva. Así como los primeros hombres [...] Iniciaron la arquitectura al mismo tiempo que el primer trazo de la ciudad; la arquitectura es, así, connatural a la formación de la civilización y un hecho permanente, universal y necesario. Creación de un ambiente más propicio a la vida e intencionalidad estética son los caracteres permanente de la arquitectura; estos aspectos emergen en cada búsqueda positiva e iluminan la ciudad como creación humana», Aldo Rossi, *L' Architettura della città*, trad. cast., *La arquitectura de la ciudad*, Barcelona: Gustavo Gili, 8ª ed., 1992, in *Introducción – Hechos urbanos y teoría de la ciudad*, p. 60.

<sup>15</sup> Conforme a proposição de que «[...] podemos decir que hay dos procedimientos posibles de naturaleza opuesta en el proceso de planeamiento. Por un lado está el gran plan esquemático o abstracto, a veces geométrico y casi siempre de ámbito regional. Por el otro, está su contrario — [...] [por ejemplo] el que [Camillo] Sitte aconsejó — de escala arquitectónica, paisajística o de construcción de la ciudad, que en comparación con aquél es más adaptable, ad hoc, que incluso tiene el carácter de "remiendos" (original entre aspas). [...] No es necesario decir que estas dos actitudes básicas frente al planeamiento están casi siempre presentes y, pensamos, podrían ser combinadas [...]», George Collins, *Reconsideración de Camillo Sitte*, in Geroge R. Collins e Christiane C. Collins, *Camillo Sitte and the birth of modern city planning*, 1965, trad. cast., *Camillo Sitte y el nacimiento del urbanismo moderno*, Barcelona: Gustavo Gili, 1980, p. 139.

<sup>16</sup> «O que é insubstituível na obra de arte – o que faz dela não apenas uma ocasião de prazer, mas um órgão do espírito que encontra sua analogia em todo pensamento filosófico ou político se for produtivo – é que ela contém, melhor do que idéias, matrizes de idéias...», Maurice Merleau-Ponty, *La prose du monde*, 1969, trad. port. *A prosa do mundo*, São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 118.

<sup>17</sup> «[...] la forma asume la tarea de volver auténtico y natural el universo innatural de la precisión tecnológica. Y, puesto que este universo tiende a mantener íntegramente a la naturaleza en un proceso continuo y absorbente de transformación, el sujeto sobre el cual deberá insistir el reorganizado ciclo de producción de la construcción será, según Le Corbusier, todo el paisaje antropogeográfico», Massimo Cacciari, Francesco Dal Co, Manfredo Tafuri, *La crisis de la utopía: Le Corbusier en Argel*, in *De la vanguardia a la metrópoli – Crítica radical a la arquitectura*, trad. cast., Barcelona: Gustavo Gili, 1972, p. 62.

<sup>18</sup> Paulo Mendes da Rocha, entrevista a autora in tese de doutoramento *La construcción de la mirada – Naturaleza, Ciudad y Discurso en la Arquitectura de Paulo Archias Mendes da Rocha*.

<sup>19</sup> Paulo Mendes da Rocha, entrevista a autora in tese de doutoramento *La construcción de la mirada – Naturaleza, Ciudad y Discurso en la Arquitectura de Paulo Archias Mendes da Rocha*.

<sup>20</sup> Paulo Mendes da Rocha, *O urbanismo é fundamental*, entrevista ao Periódico do Instituto de Arquitetos do Brasil, IAB/GO, anos 80, sem data exata de publicação.

<sup>21</sup> Paulo Mendes da Rocha, *Exercício da modernidade*, texto citado, págs. 28-29.